

## **COLETIVO DIFUSÃO E O ESPAÇO NÃO ESCOLAR: ESTUDO DE CASO SOBRE O ENSINO DE ARTE E CULTURA NO AMAZONAS**

### **COLLECTIVE DIFUSÃO AND NON-SCHOOL SPACE: CASE STUDY ON THE TEACHING OF ART AND CULTURE IN AMAZONAS**

Paulo Henrique Trindade Corrêa

#### **RESUMO**

Este artigo apresenta o foco na educação não escolar no ensino de arte, a partir de reflexões sobre um estudo de caso do Coletivo Difusão - Associação Difusão Amazonas. Buscou-se compreender o Coletivo Difusão como espaço delimitado da arte e cultura no Amazonas, dando especial destaque ao protagonismo dos agentes culturais, artistas, educadores e mestres para produção de conhecimento e ciência. Para consolidar este estudo, a estrutura da pesquisa foi dividida em revisão bibliográfica e audiovisual, observação do cotidiano e análise dos dados a partir das referências elencadas. Autoras e autores como Barbosa, Freire, Fusari, Ferraz, Gohn, Luckow e Páscoa foram relevantes na pesquisa pela construção do conhecimento no ensino de arte. A partir desses resultados, cabe uma análise reflexiva no campo da Arte e Educação no Amazonas.

#### **PALAVRAS-CHAVE**

Coletivo Difusão, Educação Não Escolar, Ensino de Arte

#### **ABSTRACT**

*This article presents a focus on non - school education in art education, based on reflections on a case study of the Collective Difusão - Difusão Amazonas Association. The objective is to understand the Collective Difusão as a delimited space of art and culture in Amazonas, giving special emphasis to the protagonism of cultural agents, artists, educators and masters for the production of knowledge and science. In order to consolidate this study, the research structure was divided into bibliographic and audiovisual review, daily observation and data analysis based on a review of the references cited. Authors such as Barbosa, Freire, Fusari, Ferraz, Gohn, Luckow and Páscoa were relevant in the research for the construction of knowledge in teaching of art. From these results a reflexive analysis in the field of Art and Education is in order.*

#### **KEYWORDS**

*Collective Difusão, Non-School Education, Teaching of Art*

## Introdução

A presente proposta busca realizar um estudo de caso do Coletivo Difusão, juridicamente constituído como Associação Difusão Amazonas, e apontar aspectos que o configuram como um espaço não escolar, o qual fomenta o ensino de arte e cultura na cidade de Manaus, estado do Amazonas. Ao abordar este tema, recorro às falas de Everson Melquíades, arte-educador e diretor da Escolinha de Arte do Recife, durante o Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina, realizado em março de 2018 no Itaú Cultural, em São Paulo, em depoimento compartilhado em que reflete sobre: Qual é o conceito de Educação que cada profissional da educação utiliza e define?

O arte-educador também comenta sobre o termo Educação Informal, sistematizado pela professora Maria da Glória Gohn, da Universidade de São Paulo, cuja definição referente ao conceito de Educação se divide em escolar e em processos não escolares. A educação acontece na igreja, museu, sindicato, associação, ONG (Organização Não Governamental), mas tem outro objetivo, outro fim, diferente da Escola. Para Melquiades, a diferença da Educação informal para não formal, por exemplo, está no processo realizado no ambiente familiar, onde o que a mãe, os pais e a família fazem é Educação, mas não é Escolar. É uma educação feita, por exemplo, no museu, uma vez que existe um planejamento e um profissional específico à disposição.

Deste modo, esta pesquisa em Arte e Educação se realizou de acordo com a coleta de dados uma análise qualitativa, a partir de uma amostra das respostas obtidas por meio de observação, entrevistas, depoimentos, comentários, entre outros. Também, houve o desenvolvimento do tema na literatura, que permitiu a realização de analogias a partir de estudos científicos. E sob esta perspectiva, pretendeu-se identificar, no recorte de tal prática, o cotidiano do Coletivo Difusão em Manaus para, a partir daí, reconstituir os aspectos socioculturais que o configuram e lhe dão forma para, então, termos respostas aos nossos questionamentos: O que é Coletivo

Difusão? Que papel exerce essa organização sociocultural na cidade de Manaus? Como surgiu? Como e quais foram as pessoas relevantes para a manutenção desta organização? Como é o relacionamento com outras organizações artísticas, culturais e educacionais? Há uma diferença entre as organizações que desenvolvem atividades no campo da Arte, Educação e Cultura? Como, por quem e para quem o Coletivo Difusão tem se dedicado na realização das atividades propostas? Qual o significado dessa realização? Quais interpretações outros trabalhadores da Arte, Educação e Cultura fazem as atividades desenvolvidas pelo Coletivo Difusão?

Pretende-se responder tais questionamentos no desenvolvimento da pesquisa que tem por base as narrativas protagonizadas por educadores, artistas, produtores culturais e trabalhadores da cultura, na qual estou completamente mergulhado, tanto por ser fundador do Coletivo Difusão, quanto por ser artista, pesquisador, curador, professor e produtor cultural há quinze anos na cidade de Manaus. Durante esse tempo, tenho buscado difundir e valorizar a ampla diversidade cultural em território amazônico que, nos últimos anos, tenho convivido com manifestações realizadas pelas comunidades negras, indígenas, mulheres e LGBTQIA+ - lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, *queers*, intersexos, assexuais e agêneros.

Ao transitar pela academia, percebi, que após 12 anos de fundação, o Coletivo Difusão possui poucos trabalhos que o destaquem como um espaço de formação artística e cultural no Amazonas. Inicialmente, um grupo de pessoas se reuniu juntando suas habilidades em diversas linguagens artísticas; instituiu uma organização juridicamente constituída; potencializou suas ações; ampliou conexões com a região amazônica expandindo suas ações a nível nacional e internacional; criou tecnologias sociais com foco no setor cultural; participou de um processo de transição de uma sociedade analógica para uma sociedade digital e, mesmo criado com princípios baseados na Declaração Universal dos Direitos Humanos, nos últimos anos tem potencializado suas ações dedicadas a construção de uma agenda transversal a questões de mulheres, LGBTQIA+, indígenas, negros, ribeirinhos e povos da floresta.

Vejamos em Luckow (2011) uma abordagem acerca da História e o Ensino de Arte no Brasil, a partir de uma relação dos movimentos artísticos com as iniciativas de criação e reforma das instituições de ensino de arte no país. Uma tentativa de compreender como essas ideias se relacionam com as práticas atuais do ensino de Arte. Percebemos que exemplos como a Escolinha de Arte do Brasil ainda se mantêm na contemporaneidade, em paralelo a outras tentativas de ampliação do repertório artístico, dessa vez extrapolando o diálogo com as modalidades artísticas.

Esta pesquisa busca dialogar, a partir de diversas perspectivas, vidas e culturas das pessoas reconhecidas como integrantes, participantes e colaboradores do Coletivo Difusão, tendo como um pano de fundo suas percepções, que se constitui através de relações de contraste diante de uma ampla rede sociocultural, com foco de ações na região amazônica.

## **1. Ensino de Arte no Brasil**

A história nos revela que a arte caminhou paralelamente aos principais acontecimentos históricos, que dizer, acompanhou as transformações no campo sociocultural, realizado pelo compartilhamento de conhecimento entre gerações. Dessa maneira, os indivíduos aprenderam e ensinaram como percebemos a consolidação do ensino aprendizagem presente na vida contemporânea. Embora saibamos disso, por um longo período, ocultamos a contribuição da população indígena e negra no campo das artes ao colocar como marco da trajetória do ensino da arte a chegada da Missão Artística Francesa na cidade do Rio de Janeiro e a criação da Academia Imperial de Belas Artes em 1816. É, portanto, um modelo colonizador e eurocêntrico. Ao realizarmos esse recorte na Amazônia, vamos observar no final do século XIX um contato com outras experiências, de artistas formados pela Accademia di San Luca em Roma, durante a construção do Teatro da Paz em Belém, e do Teatro Amazonas em Manaus, uma vez que a decoração artística proposta partiu de Crispim do Amaral, e de contratados como Domenico De Angelis, Giovanni Capranesi, e sua equipe, conforme Páscoa (2014).

No país, a partir do século XX ocorreu uma reconfiguração do programa da educação para moldar-se outra política e visão de desenvolvimento nacional em decorrência da ampliação das indústrias. O trabalho dos professores buscava modelos ajustados aos padrões selecionados em publicações, manuais e livros, desde que aplicassem indispensavelmente para a compreensão de técnicas. Este engano possibilitou o ensino de arte no Brasil a resistir diante da sua função, pois, os estudos eram voltados à preocupação com o produto e não com as possibilidades de criação e arte. Emerge durante o Regime Militar, em 11 de agosto de 1971, a Lei de Diretrizes e Bases 5692/71 influenciada por questões tecnicistas, que fixam Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências. Vamos observar as atividades artísticas com valorização nos processos criativos e expressivo dos estudantes, segundo Fusari e Ferraz (2001). A arte como disciplina se integra à educação como uma atividade educativa, havia uma necessidade de formação de profissionais, ausência de aulas de arte devido à conjuntura, que não era favorável a experimentações artísticas e estéticas. Em 1973, surgem as primeiras licenciaturas nas instituições para suprir a falta de profissionais e objetivando habilitar professores polivalentes no campo da música, teatro, artes plásticas, e dança.

A geração 80 nos aproxima da proposta de Arte-Educação. Esta iniciativa vai suprir um problema de identidade no professor de arte, pois não havia definição sobre o que fazia um professor de arte. Este termo normatiza arte como área do conhecimento que tratará especificamente do ensino de arte. A Arte-Educação mobilizou vários educadores, pois:

O movimento Arte-Educação permitiu que se ampliassem as discussões sobre a valorização e o aprimoramento do professor, que reconhecia o seu isolamento dentro da escola e a insuficiência de conhecimentos e competência na área. As ideias e princípios que fundamentam a Arte-Educação multiplicam-se no País por meio de encontros e eventos promovidos por universidades, associações de arte-educadores, entidades públicas e particulares, com o intuito de rever e propor novos andamentos à ação educativa em Arte. (BRASIL, 1997, p. 25).

Em paralelo a essa movimentação, percebe-se também um aumento das Organizações Não Governamentais, que, durante esse recorte histórico, consolidam-se, diante de um regime político militar caracterizado por um campo de atuação significativo para essas entidades. O apoio para essas iniciativas foi de centros de educação popular, sociedade civil organizada, movimentos sociais que naquele período resistiram diante da ditadura implementada no país, ao que Gohn chama de ONGs cidadãs e militantes:

Estes campos delinearão novos perfis às ONGs, que denomino de ONGs cidadãs e militantes. Este cenário fez com que essas entidades se aproximassem de movimentos e grupos da esquerda ou de oposição ao regime militar. (GOHN, 2008, p. 76).

Esse debate foi necessário para colocar a Arte-Educação próxima de uma perspectiva de disciplina e com um encaminhamento pedagógico busca o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica. Esse entendimento são desdobramentos de experiências como a Escolinha de Arte do Brasil, de Augusto Rodrigues, o Movimento Escolinhas de Arte (MEA) e pesquisas desenvolvidas por Ana Mae Barbosa. Mesmo tendo resolvido a questão da Arte-Educação como disciplina, vamos nos deparar com questionamentos sobre a livre-expressão, cujos aspectos são de espontaneidade e autoexpressão, propondo-se uma sensibilização para a expressão artística. Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, em seu caderno de arte, afirmam que a expressão artística,

foi aos poucos sendo enquadrado em palavras de ordem, como “o que importa é o processo criador da criança e não o produto que realiza” e “aprender a fazer, fazendo”. Esses e muitos outros lemas foram aplicados mecanicamente nas escolas, gerando deformações e simplificações na ideia original, o que redundou na banalização do “deixar fazer” — ou seja, deixar o aluno fazer arte, sem nenhum tipo de intervenção. (BRASIL, 1997, p. 20).

Elaborada por Ana Mae Barbosa, a "Proposta Triangular" marca um novo caminho para Arte-Educação, uma vez que seu objetivo foi proporcionar uma abordagem capaz de tornar a arte um instrumento de desenvolvimento das crianças e, ainda, um componente de sua herança cultural, de acordo com Barbosa (2009). Ana Mae

desvendou os elementos de inclusão estética e cultural a partir da apreciação da arte, na história e no fazer artístico, que deságua no ensino da arte.

O ensino de arte hoje está colocado diante de um vasto campo de estudo cujas diretrizes são estabelecidas para um desenvolvimento satisfatório e cujos documentos norteadores são a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Ainda assim, a incidência de ambos os documentos se restringe ao âmbito escolar. A BNCC estabelece os conhecimentos fundamentais para os currículos da Educação Básica, referente às redes públicas e particulares existentes no país. No final de 2017, o Ministério da Educação apresentou sua atualização para Educação Infantil e Ensino Fundamental, embora as abordagens educativas na área de Artes necessitem de conteúdos com mais profundidade. Os PCNs possuem referenciais de qualidade que buscam a estruturação e reestruturação dos currículos escolares no Brasil. É uma intenção de nivelamento dos conceitos básicos que instrui o sistema de ensino em território nacional, mesmo tendo necessidades de ajustes conforme as diversas realidades existentes. O PCN é obrigatório para a rede pública e opcional para a rede privada.

## **2. Coletivo Difusão - Estudo de Caso**

### **2.1 O Coletivo Difusão**

A criação do Coletivo Difusão foi no dia 9 de dezembro de 2006, data de realização do "Difusão, tudo muda após o play" no Ao Mirante, situado no bairro Santo Antônio em Manaus. Um encontro da produção artística que possibilitou organizar e movimentar diversas linguagens como campo das artes visuais, música, teatro, cinema, literatura, dança e expressões urbanas periféricas, ainda que antecedentes apontem outras manifestações pautadas na valorização da produção artística e cultural realizada por diversas linguagens artísticas no Amazonas. Os primeiros anos foram marcados pelo espírito carregado com o lema "Arte que fomenta cultura". Após esse evento, surgiram atividades relacionadas a artes integradas, uma ampla frente inovadora de produção e mobilização para o setor cultural. A Associação

Difusão Amazonas foi criada em 2008, conforme se verificou no Estatuto, Capítulo I - Da Denominação, sede composição e afins, que afirma em seu Art. 1º:

A Associação Difusão Amazonas, designada neste Estatuto, simplesmente Difusão, fundada no dia 16 de outubro de 2008, é uma associação civil de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro na Comarca de Manaus, Estado do Amazonas, congregando, essencialmente artistas, arte-educadores, educadores, comunicólogos, promotores culturais e pessoas interessadas regendo-se por este estatuto, sua regulamentação, demais disposições e leis. (Estatuto da Associação Difusão Amazonas, 2008, p. 1).

O Coletivo Difusão tem atuação consolidada no setor cultural e cada vez mais ligado à promoção dos direitos humanos com ampliação do diálogo com a juventude, mulheres, negros, indígenas e LGBTQIA+ nos projetos que realiza; elabora iniciativas transformadoras e de compartilhamento de conhecimento na difusão cultural e realização de intercâmbio das iniciativas independentes; estimula a criação artística e experimentações; oferta oficinas, workshops, palestras, seminários, atividades de formação, eventos, grupos de estudos ligados à produção artística. Tudo isso gera um mapeamento contínuo que fortalece a pesquisa e capacitação de agentes culturais. Sua missão visa produzir, promover, distribuir, difundir e incentivar manifestações artístico-culturais e midiáticas, priorizando a valorização da identidade sociocultural manauara, assim como a revalorização dos espaços urbanos e a conscientização ambiental. A visão da organização busca contribuir de forma significativa com a sociedade no que tange à reflexão, produção e disseminação da cultura. Os valores apresentados são de cultura, respeito, qualidade, compromisso, credibilidade, criatividade, diversidade, contemporaneidade, acessibilidade, autonomia, autenticidade e pluralidade. Michelle Andrews, uma das fundadoras e gestoras da organização, define:

O Coletivo Difusão é uma associação que desenvolve projetos do terceiro setor no segmento da cultura, e que vem trabalhando as lógicas solidárias, coletivas, de compartilhamento para conhecimento e de uma vida de menos consumo e valorização da cultura, da identidade e do espaço urbano. (Michelle Andrews, entrevista, janeiro de 2019).



A Associação Difusão Amazonas - Coletivo Difusão possuiu sede em bairros como Aparecida, Praça 14, Cachoeirinha, Centro e Nossa Senhora das Graças em Manaus. Desde fevereiro de 2016, sua sede localiza-se na Rua Boa Sorte, 555, bairro Presidente Vargas, próximo ao Terminal 1, na Av. Constantino Nery. A estrutura do espaço apresenta garagem, duas salas divididas em escritório e sala multimídia, uma varanda, um pátio, uma cozinha, três quartos e dois banheiros.

A estrutura organizacional se institui com Presidente, Vice-Presidente, Secretário, 1º e 2º Tesoureiro e Conselho Fiscal. A gestão se propõe a fomentar, promover e facilitar a troca e circulação de conhecimento; organizar, sistematizar e difundir tecnologias sociais, dinâmicas e processos; fomentar a criação de projetos articulados em rede. Para tornar possíveis suas ações e projetos, o modo de organização se divide em eixos de articulação, formação, sustentabilidade e mídia.

## **2.2 Arte, Educação e Cultura no Coletivo Difusão**

Os núcleos e linguagens foram fomentados majoritariamente por jovens. Cabem nesta análise as contribuições de Paulo Freire sobre a união e a invenção da personalidade infanto-juvenil através da arte educação, cuja pedagogia se baseia na dignidade, ética e respeito à autonomia tanto de quem aprende quanto de quem educa, sem descartar suas vivências e heranças culturais. Diferente da lógica de "sacos vazios" que necessitam de conteúdo. Diante disso, Freire (1967) afirma:

A integração ao seu contexto, resultante de estar não apenas nele, mas com ele e não a simples adaptação, acomodação ou ajustamento, comportamento próprio da esfera dos contatos, ou sintoma de sua desumanização, implica em que, tanto a visão de si mesmo, como a do mundo, não podem absolutizar-se, fazendo-o sentir-se um ser desgarrado e suspenso ou levando-o a julgar o seu mundo algo sobre que apenas se acha. A sua integração o enraíza. (FREIRE, 1967, p.41).

O desenvolvimento de laboratórios, encontros, territórios, ambientes para a experimentação artística e cultural ocorreram em diferentes fases. Nesse sentido, será feito um recorte das ações relacionadas às artes visuais. O modo de

organização possibilitou uma gestão compartilhada com divisão de tarefas específicas a partir das representações elencadas.

Artes Visuais. Esta linguagem sempre esteve presente nas ações do Coletivo Difusão desde o evento “Tudo Muda Após o Play”. Entretanto, foi no Festival “Até o Tucupi” que se criou uma metodologia para dar mais ênfase à produção, difusão e intercâmbio dos artistas. Entre 2007 e 2018, o Festival “Até o Tucupi” realizou 28 atividades envolvendo 182 artistas visuais, 05 intercâmbios (sendo um internacional) e 01 publicação voltada para a linguagem titulada "Olha Já!".

Entre os artistas, podemos destacar Adroaldo Pereira, Arab, Scritor, Bernardo Bulcão, Deborah Erê, Denise Rodrigues, Denise Vicentim, Ericky Nakanome, Fabiano Barros, Fotoclube Lentes da Amazônia, Francisco Rider, Fred Negro F (Belo Horizonte - MG), Gé Nova (Venezuela), Hadna Abreu, Iva Tai, Janssem Cardoso, Jesse Araújo, Jimmy Christian, JJ Soares, José Batista, Junior Alonso, Keila Serruya, Kelly Wendt (Pelotas - RS), Lorena Machado, Luan Rodrigues (Belém - PA), Luana Záu, Lucas Jatobá, Macarena Mairata, Marcelo Ramos, Marcus Melo, Markeetoo Silva, Mazo, Michelle Andrews, Odacy Oliveira, Otoni Mesquita, Paulo Trindade, Priscila Pinto, Rosie Magrela, Sandro Marandueira, Sávio Stoco, Sindri Mendes, Taís Tabosa, Tassiana Magra, Thiago Vaz (São Paulo), Tito Nunes, Turenko Beça, Valter Mesquita, Videoarte Mao, Virgilio Simões e Willians Martins.

O Coletivo Difusão promoveu cursos e atividades de formação livre. A oficina estêncil ocorreu em vários momentos ao longo dos 12 anos com objetivo de contribuir na elaboração e produção de projetos de estêncil (moldes vazados) para aplicação em diversos suportes e ambientes. Esta atividade foi realizada ora pelo artista Paulo Trindade, ora por Turenko Beça. Em 2013, o projeto LABVERDE: Experimentações Artísticas na Amazônia convidou os artistas visuais de Manaus para um encontro na sede com o intuito de refletir sobre o tema "Espaço e a Arte - a arte Contemporânea em confluência com o ambiente cotidiano".

Outra experiência aconteceu em 2014, o fotógrafo Gabriel Ivan participou de uma vivência no Programa Hospeda Cultura. Durante sua passagem por Manaus, organizou a atividade “Narrativas Visuais”, uma roda de conversas para apresentar a experiência de Gabriel que se dedicava a projetos documentais, autorais, exposições, coberturas. Naquele momento, havia sido responsável pela cobertura fotográfica dos índios da etnia Tenharin, nos conflitos no sul do estado do Amazonas, no início de 2014. A maior parte dessas ações era atividades realizadas de forma gratuita tendo em vista a ampliação da participação da comunidade, como afirma Elisa Maia, gestoras da organização:

Não consigo hoje pensar em fazer uma oficina que eu traga tudo pronto e as pessoas só fiquem como espectador produzindo a partir daquilo que eu penso. Por isso, eu gosto muito da dinâmica da roda, da dinâmica dos grupos na mesa, isso dá possibilidade de olhar no olho, dinâmica de se apresentar, falar o que faz, o que quer dentro daquela perspectiva. Só o fato, por exemplo, dentro da oficina de elaboração de projeto as pessoas já poderem rascunhar sua própria ideia, mostrando que as muitas vezes uma ideia ela é possível de ser organizada, sistematizada, para depois ser executada, eu acho que isso já coloca quem tá e quem foi para oficina total protagonista disso. (Elisa Maia, entrevista, janeiro de 2019).

As programações de difusão também fizeram parte das metodologias adotadas pelo Coletivo Difusão. Foi realizada em 2010 a exposição Nuances, com o tema sobre a obra do poeta árabe Gibran Khalil Gibran. A exposição contou com heliografias do poeta, vídeos, fotos e performance dos naturistas Coletivo Graúna. Também em 2010, ocorreu a exposição Dentro [Fora] de Sindri Mendes, uma proposta de exibição fotográfica. O tema da exposição foram as experimentações do cotidiano do artista. Em 2011, ocorreu uma performance nas balsas que realizavam a travessia dos carros e pessoas em uma balsa no Rio Negro de Manaus ao Cacau-Pereira/Iranduba. O artista Turenko Beça desenhava o vestido confeccionado pela estilista Santa Cris, vestido pela atriz Vanessa Pimentel. Registrados em audiovisual por Michelle Andrews e Paulo Trindade. Uma intervenção envolvendo pintura corporal, moda e vídeo.

CORRÊA, Paulo Henrique Trindade. Coletivo difusão e o espaço não escolar: estudo de caso sobre o ensino de arte e cultura no Amazonas, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2242-2255.

Por fim, em 2012, desenhos, objetos e fotografias foram compostos no projeto Amazônia Esfinge proposto pelo artista Sávio Stoco. A exposição esteve em cartaz na Funarte em Belo Horizonte (MG), Galeria do Banco da Amazônia (PA) e em Manaus (AM). O trabalho fez uma abordagem a partir dos trabalhos de Moacir de Andrade, conhecido pelo seu repertório de paisagens naturais amazônicas e usou o documentário “Terceiro Milênio”, que aborda uma viagem feita pelo ex-senador amazonense Evandro Carreira aos rios da região durante uma campanha eleitoral, na década de 1980.

Desde 2011, o Coletivo Difusão tem difundido o video mapping na região amazônica. Foram realizadas oficinas e cursos com a participação de VJs como Lucas Gouvêa (PA), Luan Rodrigues (PA), Diogo Vianna (AM), Bella Reais (AM) e Paulo Trindade (AM). As atividades abordaram noções artísticas e técnicas, conhecimento e experimentação de programas para construção de conteúdos com efeitos visuais e virtuais, pesquisa, referências, e elaboração de um projeto.

### **Considerações Finais**

Talvez pensar a Arte e Educação inserida apenas no âmbito escolar nos restringe a algo mais amplo e diverso. Há possibilidade de uma oferta escassa de dados mais consolidados do ponto de vista da literatura acadêmica e demais produções relacionadas a arte, educação, cultura e sociedade. Porém, podemos destacar com estas breves palavras a dimensão valiosa do legado construído pelo Coletivo Difusão até hoje. E foi essa peculiaridade que possibilitou a concentração dos olhares e produção deste texto, o qual foi intitulado COLETIVO DIFUSÃO E O ESPAÇO NÃO ESCOLAR: Estudo de caso sobre o ensino de arte e cultura no Amazonas.

De todo modo, considera-se que pensar o espaço não escolar para o ensino de arte na Amazônia seja uma das formas de apresentar como se ensina arte na região Norte do país, muitas vezes motivados por espaços não escolares para o fomento de arte e cultura de forma singular. No entanto, cabe talvez uma interpretação mais

precisa do esforço realizado pelo Coletivo Difusão durante sua trajetória de doze anos. Pode ser que todo esse processo necessite de uma interação maior com o ambiente escolar permitindo à comunidade um diálogo e, consolidá-la, ajudará em melhor participação e resultado conforme nos vimos com Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documentos norteadores para o ensino de arte.

Portanto, o que parece ficar claro é que o ensino de arte, ainda que no ambiente não escolar, possui metodologia capaz de desenvolver o fazer artístico, a apreciação da obra de arte e sua contextualização histórica, conforme proposta apresentada por Ana Mae Barbosa. E o ensino de arte nesses territórios passa, atualmente, a serem ambientes de vivências e experimentação, atraindo curiosidade devido a abordagem que se trabalha a linguagem de maneira multidisciplinar. Dessa forma, parece ser mais possível tratar a partir do prisma de um ambiente cognitivo de desenvolvimento do conhecimento em arte e cultura. Os espaços não escolares, hoje em dia, possuem mais credibilidade com o público ainda que sejam necessárias políticas públicas capazes de estimular mais ambientes, como o Coletivo Difusão, visando à preservação e manutenção de aspectos culturais produzidos em Manaus.

## Referências

ASSOCIAÇÃO DIFUSÃO AMAZONAS. **Estatuto**. Manaus: 2008.

BARBOSA, Ana Mae. **A imagem no ensino da arte**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

BRASIL. **CNE resolução CNE/CP nº 2, de 22 de dezembro de 2017**. Disponível em <[http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE\\_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/wp-content/uploads/2018/04/RESOLUCAOCNE_CP222DEDEZEMBRODE2017.pdf)>. Acessado em 02 de janeiro de 2019.

\_\_\_\_\_. **PCN - Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília, 1997. (v. Arte). Disponível em <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf>>. Acesso em 02 jan. 2019.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FUSARI, Maria Felisminda de Resende; FERRAZ, Maria Heloísa Corrêa de Toledo. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2001.

CORRÊA, Paulo Henrique Trindade. Coletivo difusão e o espaço não escolar: estudo de caso sobre o ensino de arte e cultura no Amazonas, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2242-2255.



28º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas  
Origens - Cidade de Goiás - 16 a 20 de setembro de 2019

GOHN, Maria da Glória. **Educação Não-Formal e Cultura Política**: impactos sobre o associativismo de terceiro setor. São Paulo: Cortez, 2008.

ITAÚ CULTURAL. **Seminário Arte, Cultura e Educação na América Latina. Entrevista - Everson Melquiades**. São Paulo: 2018. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=yC28tr4rCQg>>. Acesso em 05 jan. 2019.

LUCKOW, Fabiane Behling. **História e ensino de arte no Brasil**. Indaial: Uniasselvi, 2011.

PÁSCOA, L. V. B. **Fontes de iconografia musical no Teatro Amazonas**. 2014.

### **Paulo Henrique Trindade Corrêa**

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Amazonas - PPGAS/UFAM. Especialista em Arte e Educação pelo Centro Universitário Leonardo Da Vinci - UNIASSELVI. Graduado no curso de licenciatura em Artes Plásticas pela UFAM. Foi Professor substituto da Faculdade de Artes/UFAM. É fundador e integrante do Coletivo Difusão e Centro Popular do Audiovisual em Manaus/AM. Contato: [phtcweb@gmail.com](mailto:phtcweb@gmail.com)

CORRÊA, Paulo Henrique Trindade. Coletivo difusão e o espaço não escolar: estudo de caso sobre o ensino de arte e cultura no Amazonas, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 2242-2255.